

Teatro itinerante leva alegria para as crianças na praça

CONSCIENTIZAÇÃO > INICIATIVA ALERTA PARA CRIMES CONTRA A FAUNA

A peça teatral em defesa da consciência ecológica na estrada fez uma apresentação nesta sexta-feira, às 15h30, na Praça Siegfried Heuser, para alunos das escolas infantis. A peça itinerante, com oito anos de atuação, já viajou todo o Brasil e conta com quatro atores da cidade de Londrina, no Paraná.

O objetivo da peça é levar aos caminhoneiros uma mensagem de conscientização em defesa da fauna silvestre, pois é nas estradas que ocorre a maior parte do tráfico de animais. "Onde tem caminhoneiro, levamos a peça, porque cerca de 60% desse tipo de crime acontece nas rodovias, principalmente por caminhões", afirma a jornalista e também idealizadora do projeto, Dilene Antonucci. Em 2001 a iniciativa trouxe ao Brasil um prêmio internacional. "É importante conscientizar o motorista, em função também da carga que ele transporta, pois ela pode trazer riscos incalculáveis aos mananciais", completa Dilene. Conforme ela, o projeto fará diversas visitas ao Rio Grande do Sul ainda este ano.

A Caravana estará neste sábado no Autódromo Internacional de Santa Cruz, fazendo apresentações e distribuindo prospectos de conscientização e preservação do ambiente. No domingo pela manhã acontece o grande espetáculo no autódromo, com o objetivo de despertar os motoristas para o combate aos crimes ecológicos e os males causados à natureza.

Mostra Cultivando Cidadãos é em setembro

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura (Smec) de Santa Cruz do Sul e a empresa Dupont Alimentos promovem nos dias 23 e 24 de setembro a Mostra Cultivando Cidadãos. O projeto é anual e existe desde 2002. Por meio dessa iniciativa, alunos das séries iniciais do ensino fundamental participam de atividades com o propósito de desenvolver a consciência ecológica e colocar em prática o aprendizado com projetos, maquetes e experiências científicas.

No decorrer do ano os professores envolvidos na iniciativa recebem capacitação para atuar com os alunos. No início da semana um grupo composto por 17 professores e dois coordenadores realizou uma viagem de estudos a Lajeado, município que também desenvolve o projeto, para trocar experiências.



ATORES se apresentaram nesta sexta-feira para crianças das escolas infantis



Os bisavós
Waldemar Bechert e Olinda Bechert
os avós Pedro Balduino Hochscheidt
Olando Neitzke - Ciria Neitzke

Os pais

Alberto Luis Neitzke e Neusa Noemi Hochscheidt, a irmã
Júlia Hochscheidt Pappen, participam com imensa
alegria, o nascimento de

Yuri Jayroni Neitzke

no dia 8/8/2008 no Hospital Santa Cruz

lanches
Chapa Quente

NA HORA DA SUA FOME...

VOTE EM QUEM ALIMENTA

TELE-ENTREGA
3719 5618

GALVAO COSTA, 720 SANTA CRUZ - EM FRENTE A OKTOBERFEST

CRÔNICA DO GUIDO



GUIDO ERNANI KUHN*

guido@gazetadosul.com.br

Doutor René e meu picolé

Quando voltamos no tempo para rever os rostos da infância, lá encontramos a faceirice dos que, ao contrário de nós, nunca saíram de lá para perseguir a ambição de mundos fantásticos. Seus sonhos tinham o tamanho das próprias pernas. Por isso, esbanjam sorrisos e parece que não sabem o que é estresse. Seu grau de felicidade deve ser bem elevado. Entendem que o homem foi feito para a terra, por isso mantêm sempre os pés firmes nela. As rugas de alguns são mais assinaladas, as de outros menos. Mas o desgaste mental é uma coisa que em geral desconhecem. Eles se contentam com pouco, e isso basta para entender tudo. Os que foram embora, atrás do sonho legítimo de outros mundos, quando voltam, ganham o afago dos que ficaram guardando aquele chão. Um ficou bispo, outro prefeito, muitos doutores e profissionais bem-sucedidos, e essa gente da terra se orgulha e bate palmas. São felizes no seu mundo, que é bem pequeno, mas está cheio daquilo que todos eles querem.

Para cuidar da saúde, cada mãe tinha em casa os seus métodos empíricos, mas acima disso havia o carinho e o esmero de um médico como o Dr. René. Recém-formado, aportou aos 24 anos naquele interior recôndito, no turbulento ano de 1940. Abandonou o conforto da capital, onde nascera em 1914, para realizar a vocação que era um verdadeiro sacerdote, no meio de agricultores que só falavam o dialeto colonial alemão. O Doutor René Maura permaneceu em Trombudo por 11 anos. Ele não me trouxe ao mundo, pois isso era tarefa da parteira. A gente nascia em casa, e em condições bem precárias. Mas foi o meu primeiro médico, e operou minha mãe logo depois que nasci, salvando-lhe a vida. Agora, com espanto, descobro que ele ainda vive em Porto Alegre, para onde voltou em 1951. Vai fazer 93 anos agora em setembro. Saúde, doutor!

Seu filho João responde à menção que lhe fiz na semana passada, e manda dizer que o Dr. René, embora "um pouco esquecido, goza de boa saúde, lê jornais, gosta de palavras cruzadas, tem disposição para suas caminhadas diárias, continua vaidoso, está sempre bem arrumado e atento às belas donas, acredite!". Lembro o quanto mamãe falava no "Doktor René", sempre com carinho e gratidão. Ela parava no hotel de Augusto Emmel, e ali chegavam muitas pessoas que só sabiam falar a língua proibida durante a guerra. Como filha do professor, tinha um rudimentar conhecimento da língua nacional e falava pelos outros, para que não fossem presos por causa daquele idioma proscrito. Em outras situações, era o Dr. René que encilhava o cavalo de madrugada e saía ao encontro dos doentes mais graves, muitas vezes acompanhado do farmacêutico Arno Ullmann.

Formosa nunca tivera um representante na Câmara. Enquanto o Dr. René voltava para a sua capital, Orlando Baumhardt vendia muitos rádios pela redondeza, como sócio da Casa Mailaender, junto com Euclides Kliemann e Reinaldo Schnabel, entre outros. Orlando acabou lançado candidato a vereador pela localidade, eleito em 1951 com a maior votação do município, 811 votos. A primeira coisa que pediu foi uma ponte sobre o arroio que passava ali perto da venda do Hermany, onde a linha mista, os carros, as carroças e as cavalgadas tinham que fazer a travessia pela água. Mais acima, onde havia dois outros passos pelo mesmo arroio, seria rasgada uma nova estrada, eliminando as travessias e os transtornos nas enchentes. Enfim, entrávamos no mundo civilizado.

Na inauguração da ponte, a festança foi enorme, com foguetório ensurdecador e grande churrasco comemorativo num mato de eucalipto, bem ao lado da obra. E apareceu, para espanto e alegria da criançada, um carro desengonçado, e em cima dele um sujeito vendendo um gelo doce espetado num palito. Foi o primeiro picolé da minha vida. Por falar em inauguração de ponte, tem uma história do folclore político que se tornou marca registrada do prefeito Arthur Walter Kaempff, que governou o município entre 1956 e 1959. Além de exortar os colonos a plantar eucaliptos ("oicaliptus", ele dizia, com seu sotaque germânico), construiu muitas pontes. Pontes que tinham estrutura de pedra e cobertura de madeira. A cada obra que inaugurava, o preclaro alcaide tirava uma distinta dama da primeira fila e, em cima da ponte, com ela dançava a valsa de inauguração.

Os carros particulares começaram a chegar naqueles confins durante os anos 50, bem depois de baixar a poeira da guerra. Papai tinha um Chevrolet 38, e um vizinho comprou um 40. Os dois eram agricultores, mas sempre eram tirados da roça para levar alguém ao hospital. Doença nunca escolheu hora, em geral acontecia depois do horário do ônibus, ou então antes, de madrugada. Papai tinha em casa só uma filha, que costurava e cuidava da cozinha, e decidiu ensiná-la a dirigir, para que levasse os doentes. Ela acabou sendo a primeira mulher motorista em toda a redondeza conhecida, carregando pacientes não mais para o Dr. René, mas para o Dr. Jacobus.

* Jornalista